

Os yanomami, cibernéticos como a natureza: notas a partir do materialismo dialético de Álvaro Vieira Pinto

Los yanomami, cibernéticos como la naturaleza: notas desde el materialismo dialéctico de Álvaro Vieira Pinto

The yanomami, cybernetic as nature: notes from the dialectical materialism of Álvaro Vieira Pinto

Monique Figueira

Mestra em Ciência da Informação pelo convênio do IBICT, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, com a Escola de Comunicação da UFRJ.

Contato: niquefig@gmail.com

Submetido em: 25.02.2022 - Aprovado em: 19.04.2022



Creative Commons



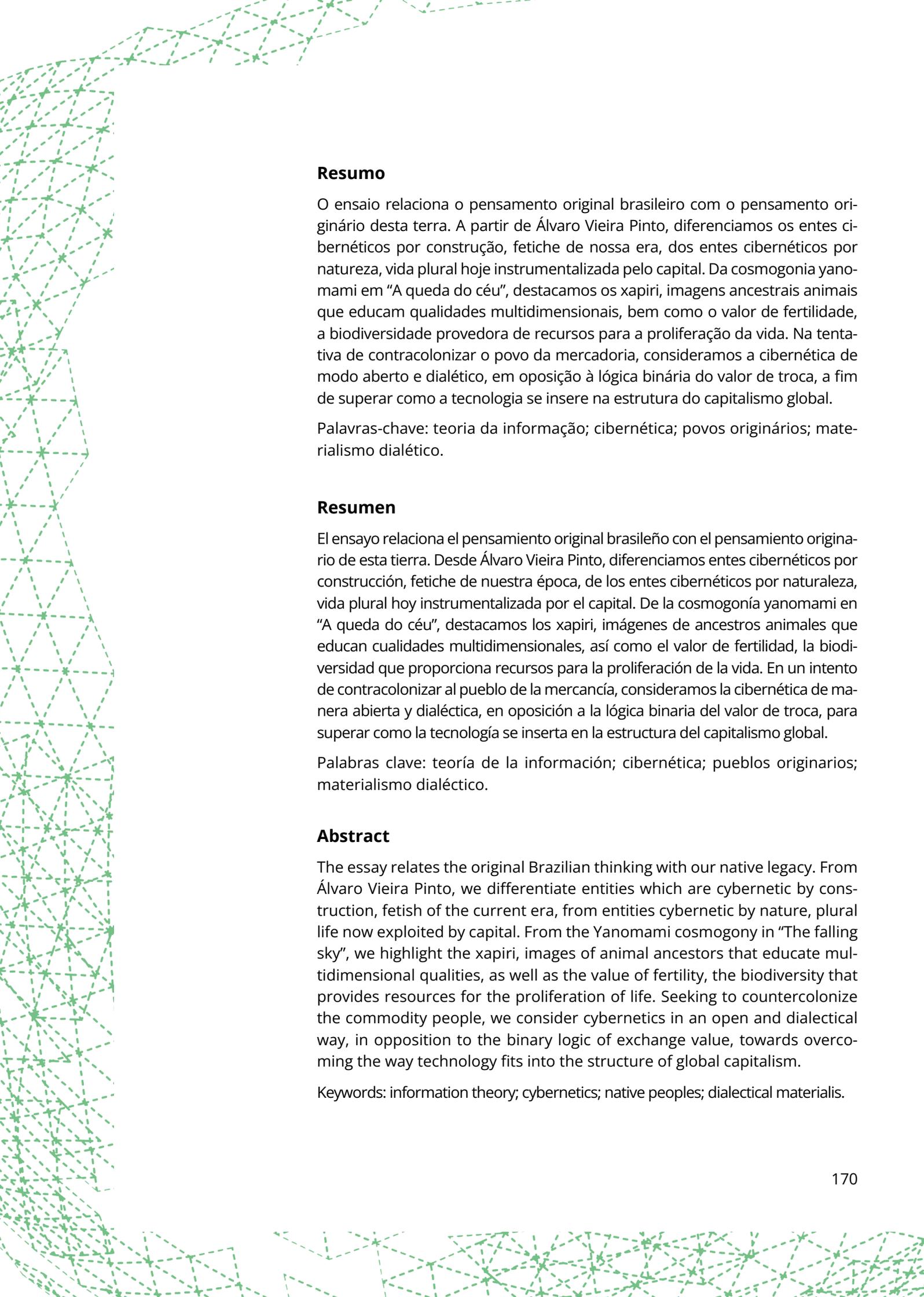
Atribuição



NãoComercial



Compartilhalgual



Resumo

O ensaio relaciona o pensamento original brasileiro com o pensamento originário desta terra. A partir de Álvaro Vieira Pinto, diferenciamos os entes cibernéticos por construção, fetiche de nossa era, dos entes cibernéticos por natureza, vida plural hoje instrumentalizada pelo capital. Da cosmogonia yanomami em “A queda do céu”, destacamos os xapiri, imagens ancestrais animais que educam qualidades multidimensionais, bem como o valor de fertilidade, a biodiversidade provedora de recursos para a proliferação da vida. Na tentativa de contracolonizar o povo da mercadoria, consideramos a cibernética de modo aberto e dialético, em oposição à lógica binária do valor de troca, a fim de superar como a tecnologia se insere na estrutura do capitalismo global.

Palavras-chave: teoria da informação; cibernética; povos originários; materialismo dialético.

Resumen

El ensayo relaciona el pensamiento original brasileño con el pensamiento originario de esta tierra. Desde Álvaro Vieira Pinto, diferenciamos entes cibernéticos por construcción, fetiche de nuestra época, de los entes cibernéticos por naturaleza, vida plural hoy instrumentalizada por el capital. De la cosmogonía yanomami en “A queda do céu”, destacamos los xapiri, imágenes de ancestros animales que educan cualidades multidimensionales, así como el valor de fertilidad, la biodiversidad que proporciona recursos para la proliferación de la vida. En un intento de contracolonizar al pueblo de la mercancía, consideramos la cibernética de manera abierta y dialéctica, en oposición a la lógica binaria del valor de troca, para superar como la tecnología se inserta en la estructura del capitalismo global.

Palabras clave: teoría de la información; cibernética; pueblos originarios; materialismo dialéctico.

Abstract

The essay relates the original Brazilian thinking with our native legacy. From Álvaro Vieira Pinto, we differentiate entities which are cybernetic by construction, fetish of the current era, from entities cybernetic by nature, plural life now exploited by capital. From the Yanomami cosmogony in “The falling sky”, we highlight the xapiri, images of animal ancestors that educate multidimensional qualities, as well as the value of fertility, the biodiversity that provides resources for the proliferation of life. Seeking to countercolonize the commodity people, we consider cybernetics in an open and dialectical way, in opposition to the binary logic of exchange value, towards overcoming the way technology fits into the structure of global capitalism.

Keywords: information theory; cybernetics; native peoples; dialectical materialism.



Introdução

General Bayma Denys: O povo de vocês gostaria de receber informações sobre como cultivar a terra?
Xamã Davi Kopenawa: Não. O que eu desejo é a demarcação de nosso território.
(A queda do céu, 2015, p.35).

A técnica engloba um conjunto de procedimentos onipresente no mundo humanizado, também expressa na linguagem ou nas leis, expandindo como patrimônio coletivo que passa a ser apropriável e reutilizável. Porém, dentre a pluralidade de suas formas históricas, a racionalidade técnica se expressa nos últimos séculos majoritariamente como modo de dominação do capital. A desconstrução desse processo imperialista implica na construção de algo novo, a partir de outros referenciais. Para além do decolonial, nosso argumento busca resgatar aqueles que contracolonizam o sistema dominante com perspectivas coletivistas originárias deste território.

O líder quilombola Nêgo Bispo (2022) afirma que seu povo nunca se deixou enquadrar na lógica unidimensional do capital. Como outras comunidades originárias, tais formas de vida não precisam se descolonizar, tarefa que fica destinada aos enquadrados no pensamento eurocêntrico. Para Nego Bispo, o mote é contracolonizar, ou seja, difundir cosmogonias sustentáveis e holísticas daqueles que historicamente resistem neste território desde a invenção e violenta imposição do projeto da nação brasileira. Assim, este ensaio visa aliar a visão de mundo yanomami presente em "A queda do céu" (2015) com algumas teses elaboradas por Álvaro Vieira Pinto (2005a; 2005b), o AVP, nos dois volumes de "O conceito de tecnologia".

AVP poderia ser considerado o maior filósofo do Brasil. Porém, perseguido pela ditadura empresarial-militar, exilado por anos escrevendo sob pseudônimo, esquivava-se do ostracismo intelectual imposto, talvez motivo pelo qual seu legado ainda não tenha surtido a repercussão devida - ou pelo caráter contrahegemônico do conteúdo. Já na década de 1970 AVP elaborou reflexões sobre a técnica que sintetizam com clareza e profundidade uma visão não fetichista do progresso. O tratado selecionado, pensamento original genuinamente brasileiro, faz jus à pluralidade cultural de nossa terra e permite uma tentativa de reconciliação com as formas de vida daqui originárias. Abarcando o significado global da totalidade, AVP (2005b, p. 97) compreende dois tipos de sistemas: cibernéticos por construção, ou seja, as máquinas, de cunho representativo, operando no plano lógico-formal; e cibernéticos por natureza, as formas orgânicas da vida, relações dialéticas de cunho explicativo que formam a realidade concreta.

Sob esta perspectiva, o pensamento yanomami se mostra cibernético por natureza. De fato, assim é qualificável toda cognição humana, entendida

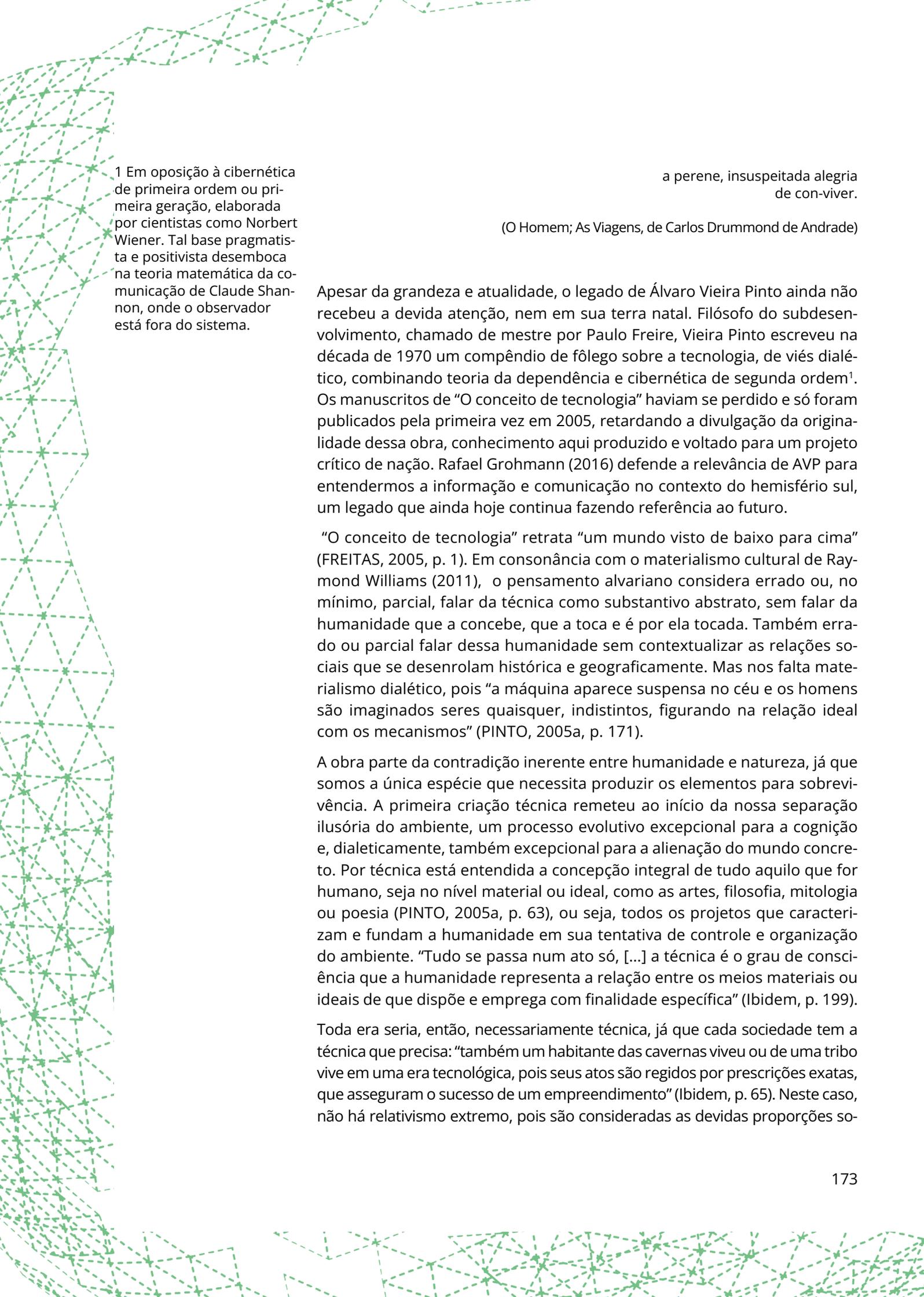


como um subsistema multidimensional parte do gigantesco sistema aberto chamado vida, porém, cognição cada vez mais estrangida pela racionalidade capitalista, que opera pelo viés formalista unidimensional. Nesse movimento que se universaliza, qualquer expressão humana ou bem natural passa a ser medido crescentemente pelo valor de troca; perde-se a visão da totalidade, a dialética do movimento real, material. Por outro lado, no presente estudo, qualificamos a cosmovisão yanomami como naturalmente cibernética, em especial a partir de duas expressões: os xapiri, imagens plurais da natureza que inspiram atributos, compondo o repertório cultural e universo de referências dessa etnia; e o valor de fertilidade, a biodiversidade atrelada ao valor de alimento, em contraponto à primazia do dinheiro, que retalha a terra e a empobrece, desprovendo de recursos também seus habitantes. Para eles, a floresta é o mundo material e também simbólico.

O pensamento originário yanomami e o materialismo dialético de AVP servem de fonte de inspiração para chamar de volta à terra uma sociedade perdida nas nuvens. Afinal, nada está na nuvem (muito menos os gigantes de tecnologia, que dependem de servidores enormes e alto consumo de combustíveis fósseis). Ou melhor, para a sabedoria popular estar nas nuvens significa um estado de desconexão com a realidade, alguém alheio ao seu entorno. A metáfora da nuvem tecnológica apaga o rastro nocivo da crescente parafernália que move a vida cotidiana na contemporaneidade, desenvolvida a partir de energia não renovável, destruição ambiental e trabalho precarizado ou análogo ao escravo. Mas tudo que se esvai no ar é sólido.

Materialismo dialético: a vida cibernética por natureza

O homem, bicho da Terra tão pequeno
chateia-se na Terra
lugar de muita miséria e pouca diversão,
faz um foguete, uma cápsula, um módulo
toca para a Lua
experimenta a Lua
coloniza a Lua civiliza a Lua
humaniza a Lua. [...]
Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrimo em suas próprias inexploradas entranhas



1 Em oposição à cibernética de primeira ordem ou primeira geração, elaborada por cientistas como Norbert Wiener. Tal base pragmática e positivista desemboca na teoria matemática da comunicação de Claude Shannon, onde o observador está fora do sistema.

a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.

(O Homem; As Viagens, de Carlos Drummond de Andrade)

Apesar da grandeza e atualidade, o legado de Álvaro Vieira Pinto ainda não recebeu a devida atenção, nem em sua terra natal. Filósofo do subdesenvolvimento, chamado de mestre por Paulo Freire, Vieira Pinto escreveu na década de 1970 um compêndio de fôlego sobre a tecnologia, de viés dialético, combinando teoria da dependência e cibernética de segunda ordem¹. Os manuscritos de “O conceito de tecnologia” haviam se perdido e só foram publicados pela primeira vez em 2005, retardando a divulgação da originalidade dessa obra, conhecimento aqui produzido e voltado para um projeto crítico de nação. Rafael Grohmann (2016) defende a relevância de AVP para entendermos a informação e comunicação no contexto do hemisfério sul, um legado que ainda hoje continua fazendo referência ao futuro.

“O conceito de tecnologia” retrata “um mundo visto de baixo para cima” (FREITAS, 2005, p. 1). Em consonância com o materialismo cultural de Raymond Williams (2011), o pensamento alvariano considera errado ou, no mínimo, parcial, falar da técnica como substantivo abstrato, sem falar da humanidade que a concebe, que a toca e é por ela tocada. Também errado ou parcial falar dessa humanidade sem contextualizar as relações sociais que se desenrolam histórica e geograficamente. Mas nos falta materialismo dialético, pois “a máquina aparece suspensa no céu e os homens são imaginados seres quaisquer, indistintos, figurando na relação ideal com os mecanismos” (PINTO, 2005a, p. 171).

A obra parte da contradição inerente entre humanidade e natureza, já que somos a única espécie que necessita produzir os elementos para sobrevivência. A primeira criação técnica remeteu ao início da nossa separação ilusória do ambiente, um processo evolutivo excepcional para a cognição e, dialeticamente, também excepcional para a alienação do mundo concreto. Por técnica está entendida a concepção integral de tudo aquilo que for humano, seja no nível material ou ideal, como as artes, filosofia, mitologia ou poesia (PINTO, 2005a, p. 63), ou seja, todos os projetos que caracterizam e fundam a humanidade em sua tentativa de controle e organização do ambiente. “Tudo se passa num ato só, [...] a técnica é o grau de consciência que a humanidade representa a relação entre os meios materiais ou ideais de que dispõe e emprega com finalidade específica” (Ibidem, p. 199).

Toda era seria, então, necessariamente técnica, já que cada sociedade tem a técnica que precisa: “também um habitante das cavernas viveu ou de uma tribo vive em uma era tecnológica, pois seus atos são regidos por prescrições exatas, que asseguram o sucesso de um empreendimento” (Ibidem, p. 65). Neste caso, não há relativismo extremo, pois são consideradas as devidas proporções so-



2 Reconhecendo a importância para os fundamentos teóricos da economia política da informação e da comunicação, Marcos Dantas (2015) traçou o paralelo entre o pensamento desses dois marxistas, o brasileiro Álvaro Vieira Pinto e o britânico Anthony Wilden, obras elaboradas separadamente na década de 1970.

bre a potência e o impacto universalizante das aplicações tecnológicas da atualidade, diferenças mais quantitativas que qualitativas, apesar de tanto fetiche. Os homens estão apenas maravilhados com seus próprios feitos, ou seja, com eles mesmos. A contradição com a natureza é constitutiva da realidade social, nenhuma máquina poderia extingui-la (Ibidem, p. 120).

A mulher ou o homem descobriu como manipular o fogo, mas não inventaram a energia. Se a energia não se cria e só se transforma, o controle da realidade deve responder às mesmas leis desse meio. AVP destaca que a teoria da informação não nasceu com a máquina cibernética, pois abarca uma faculdade específica de relações da matéria viva (PINTO, 2005a, p. 95). A abordagem de segunda ordem defende uma concepção ampla e não utilitarista desse campo do conhecimento: “a cibernética é a ciência encarregada de estudar e construir a teoria geral dos dispositivos e sistemas de regulação nas máquinas e na matéria viva” (Ibidem, p. 123). Para AVP, toda análise que vise entender o que se chama técnica e tecnologia – incluindo as leis, os códigos, os sistemas sociais e as práticas institucionalizadas – há de considerar os critérios da história natural da realidade biológica e social da humanidade, ou então permaneceremos desorientados. Da mesma maneira, Raymond Williams (2011, p. 89) atenta que “a ideia de natureza contém uma quantidade extraordinária de história humana”. Relegar a história significa produzir teorias que meramente refletem as fundações hegemônicas da sociedade.

No sul global, há mais de cinco séculos a realidade histórica e geográfica se desvela sob o modelo de exploração da mão de obra e do ambiente. AVP vê no desenvolvimento técnico a generalidade abstrata essencial a toda humanidade; logo, não se afeta com maquinismos específicos, diferentemente de outros pensadores, até com frequência considerados críticos, que observam com fascínio e conferem a objetos uma centralidade tão desmedida que beira o determinismo. As técnicas globais de dominação imperialista causam admiração e encantamento nas sociedades forçadas ao padrão do “primeiro mundo”, expandindo com eficácia suas formas de comunicação, transportes, comodificação da vida, customização do consumo desenfreado e esgotamento de recursos humanos e naturais. “Nada surpreendente então a tecnologia florescer nas sedes históricas da dominação de cada época, [...] condenação da imensa maioria da humanidade à condição de presa natural das nações civilizadas imperiais” (PINTO, 2005a, p. 259-63). A expansão tecnológica dos países ricos não indica uma lei da história, mas exprime como a instituição em escala planetária do sistema desigual de poder “afoga o gênio criador dos indivíduos de outros grupos étnicos, rebaiados a condição de folclore” (Ibidem, p. 268).

O valor dos povos não deveria ser medido pelos critérios capitalistas de progresso tecnológico, que considera a organização técnica de sociedades ditas primitivas como bizarra ou fruto de superstição. As motivações profundas por trás dos cultos ancestrais são reduzidas a mero animismo ou



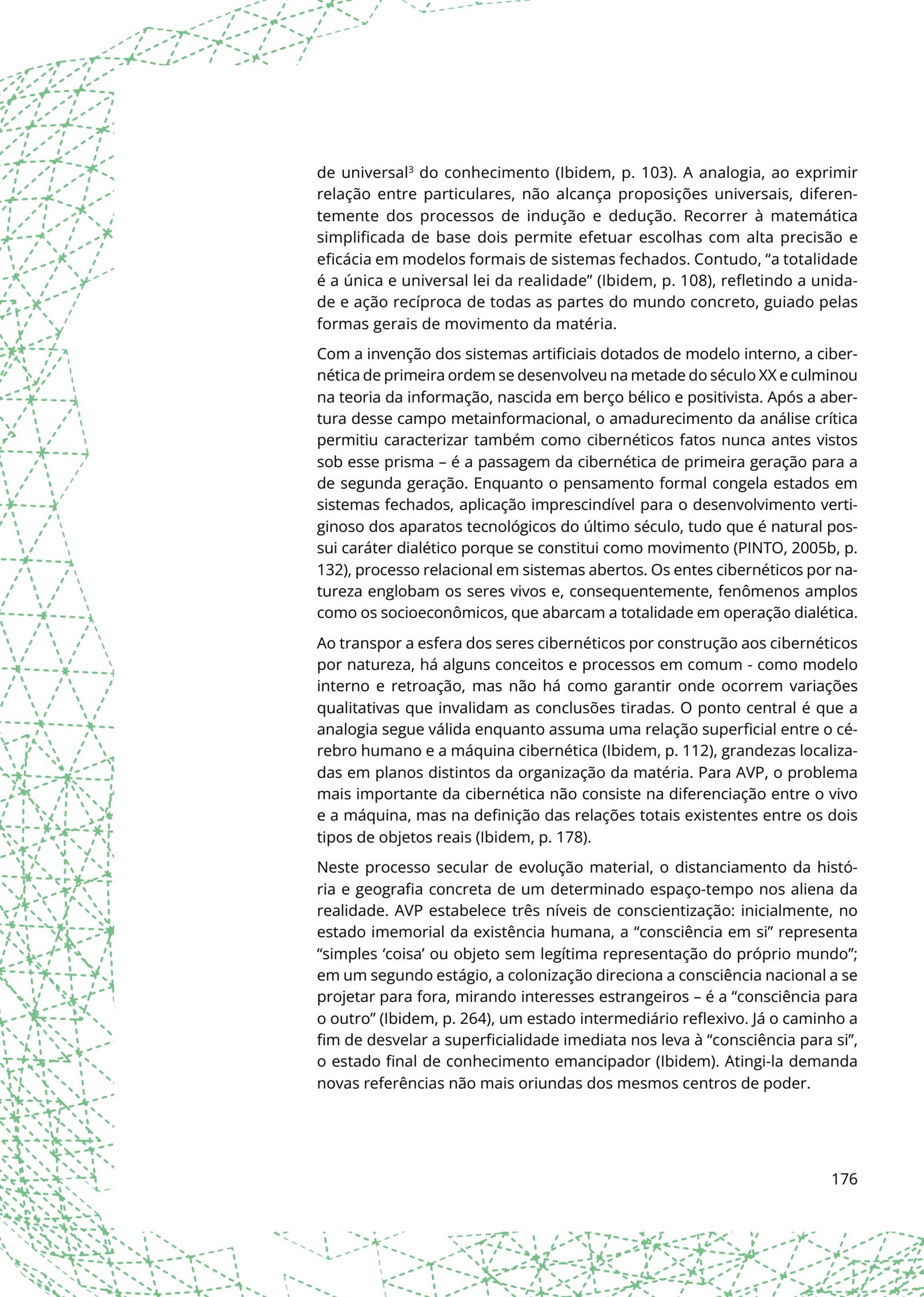
³ Por exemplo, uma pesquisa realizada em 2015 pelas universidades de Cambridge e Stanford comparou dados do Facebook com um questionário respondido por usuários. Para os autores, os resultados indicaram que “algoritmos te conhecem melhor que seu parceiro ou até você mesmo” (QUENQUA, 2015, n.p.), e muitos pensadores progressistas repetem essa conclusão superficial.

magia, relegando-as ao nível mais baixo da escala evolutiva, como “a infância pré-alfabética e pré-racional da espécie humana” (WILDEN, 2001, p. 117). Para Wilden,² na verdade, o animismo está mais perto epistemologicamente da cibernética dos ecossistemas reais do que a maior parte da ciência moderna. Os povos originários concebem o sistema aberto da natureza como um organismo repleto de espíritos (signos) que comunicam com todos os outros habitantes, humanos ou não. A abordagem lógica de comunicação multidimensional e ecossistêmica é mais adequada à compreensão da realidade do que a epistemologia de sistemas fechados, oriundos da cibernética de primeira geração, ou seja, sistemas não adaptativos, de cunho atomista e mecanicista, ainda dominantes no discurso científico, político e socioeconômico.

Desta maneira, AVP denuncia o erro de limitar os múltiplos aspectos da inteligência aos meios mecânicos ou eletrônicos (PINTO, 2005b, p. 84). Sem dúvidas a tecnologia multiplica a força humana, impulsiona exponencialmente nossa capacidade de processar informação e manipular a realidade, tal alcance e velocidade de ação, enquanto confere margem quase nula de erros, sem fadiga (mas sempre com entropia). Atos tão rebuscados são, na verdade, “apenas grotescamente simuladores da criação” (PINTO, 2005b, p. 122), incluindo os engenhos configurados para aprendizagem de máquina. Aquilo que já está programado carece de inventividade, repetindo continuamente por analogia a receita de um sistema fechado, não se encontra organizado como os sistemas abertos, em mudança permanente e relacional. Além disso, se a operação maquinica carece de aspecto ético, âmbito imprescindível para qualquer atividade humana, a lógica formal não se encerra em si mesma. Sem fronteiras artificiais, a compreensão do real em sua totalidade deve recorrer à lógica dialética – movimento que comporta a lógica formal, mas não o oposto.

O significado global da cibernética abarca a natureza da informação como conceito sintético transversal, o que (in)forma o mundo e suas relações em saltos entre os planos de organização da matéria, desde a inerte, passando pelos seres vivos, seus processos sociais, até chegar nos recentes sistemas automáticos artificiais. Muito do que vem sendo dito sobre a cibernética no último século já existia há tempos sob outras denominações analógicas referentes ao controle e comunicação; foi a humanidade que introduziu no processo natural de sistemas autorregulados os entes cibernéticos por construção. Assim, AVP reconhece dois tipos de sistemas cibernéticos (Ibidem, p. 97), os naturais e os artificiais.

Sobre os artificiais, os sistemas cibernéticos por construção compreendem as máquinas, robôs e computadores, que operam por modelagem representativa e aplicam analogias elaboradas pela lógica formal. Os entusiastas das soluções mecânicas esperam ingenuamente que, por imitação ou simulação de um modelo, alcançarão um resultado generalizável na qualidade



de universal³ do conhecimento (Ibidem, p. 103). A analogia, ao exprimir relação entre particulares, não alcança proposições universais, diferentemente dos processos de indução e dedução. Recorrer à matemática simplificada de base dois permite efetuar escolhas com alta precisão e eficácia em modelos formais de sistemas fechados. Contudo, “a totalidade é a única e universal lei da realidade” (Ibidem, p. 108), refletindo a unidade e ação recíproca de todas as partes do mundo concreto, guiado pelas formas gerais de movimento da matéria.

Com a invenção dos sistemas artificiais dotados de modelo interno, a cibernética de primeira ordem se desenvolveu na metade do século XX e culminou na teoria da informação, nascida em berço bélico e positivista. Após a abertura desse campo metainformacional, o amadurecimento da análise crítica permitiu caracterizar também como cibernéticos fatos nunca antes vistos sob esse prisma – é a passagem da cibernética de primeira geração para a de segunda geração. Enquanto o pensamento formal congela estados em sistemas fechados, aplicação imprescindível para o desenvolvimento vertiginoso dos aparatos tecnológicos do último século, tudo que é natural possui caráter dialético porque se constitui como movimento (PINTO, 2005b, p. 132), processo relacional em sistemas abertos. Os entes cibernéticos por natureza englobam os seres vivos e, conseqüentemente, fenômenos amplos como os socioeconômicos, que abarcam a totalidade em operação dialética.

Ao transpor a esfera dos seres cibernéticos por construção aos cibernéticos por natureza, há alguns conceitos e processos em comum - como modelo interno e retroação, mas não há como garantir onde ocorrem variações qualitativas que invalidam as conclusões tiradas. O ponto central é que a analogia segue válida enquanto assuma uma relação superficial entre o cérebro humano e a máquina cibernética (Ibidem, p. 112), grandezas localizadas em planos distintos da organização da matéria. Para AVP, o problema mais importante da cibernética não consiste na diferenciação entre o vivo e a máquina, mas na definição das relações totais existentes entre os dois tipos de objetos reais (Ibidem, p. 178).

Neste processo secular de evolução material, o distanciamento da história e geografia concreta de um determinado espaço-tempo nos aliena da realidade. AVP estabelece três níveis de conscientização: inicialmente, no estado imemorial da existência humana, a “consciência em si” representa “simples ‘coisa’ ou objeto sem legítima representação do próprio mundo”; em um segundo estágio, a colonização direciona a consciência nacional a se projetar para fora, mirando interesses estrangeiros – é a “consciência para o outro” (Ibidem, p. 264), um estado intermediário reflexivo. Já o caminho a fim de desvelar a superficialidade imediata nos leva à “consciência para si”, o estado final de conhecimento emancipador (Ibidem). Atingi-la demanda novas referências não mais oriundas dos mesmos centros de poder.



O filme “O abraço da Serpente” (2015) ilustra o embate contra o epistemi-cídio e a possibilidade de apropriação técnica mirando a consciência para si. A obra fala do encontro de dois exploradores brancos com um xamã amazônico, o último sobrevivente de sua tribo. O roteiro contém elementos ficcionais, mas o mote se baseia nos relatos do etnógrafo alemão Theodor Koch-Grünberg e do biólogo norte-americano Richard Evans Schultes, que visitaram a Amazônia no início do século XX. Em certo trecho da narrativa, estrangeiros e locais estavam em expedição pela mata. Um indígena se interessa pelos instrumentos utilizados pelos estrangeiros, aproxima-se curioso, faz perguntas, mas é repreendido por um dos cientistas, que recolhe a peça. “Vocês navegam pelas estrelas, se aprenderem a bússola perderão esse conhecimento!”. O xamã imediatamente o repreende. “Você não pode proibi-los de aprender. Eles se orientam pelas estrelas, mas querem conhecer outros sistemas.” Apesar dos preconceitos e protecionismos, cercas e patentes, a tecnologia é um patrimônio da humanidade (PINTO, 2005a, p. 266). O conhecimento não se encerra em bens escassos, tampouco se limita aos engenhos do norte global.

Nosso objetivo é similar, no sentido de relacionar sistemas, sem criar novas hierarquias destrutivas. Exaltar cosmogonias originárias não se trata da defesa ingênua de um suposto mundo pré-tecnológico, afinal, esse mundo nem humano seria. Cada sociedade tem a técnica que precisa e está ao seu alcance. Em vez de analisar mídias, técnicas, algoritmos ou máquinas específicas, nosso interesse recai na tentativa de ampliar o campo de visão: para cada análise de entes cibernéticos por construção, atrelar conexões com os entes cibernéticos por natureza, ora veladas, ora escancaradas, mas em geral negligenciadas. A fim de conectar com a totalidade, aguçar o faro com o ambiente, desenvolvendo a consciência para si – como os xamãs, enxergar e comunicar os xapiri que permeiam todo o mundo, remédio e escola para a visão unidimensional.

Valor de fertilidade: contracolonizar o povo da mercadoria

Essas palavras de luto existem em mim desde a minha infância, e é delas também que me vem a força para falar duro com os brancos. (Davi Kopenawa em “A queda do céu”, 2015, p. 251)

Davi Kopenawa já inicia sua fala dizendo que não queria ter que repetir outra vez tudo aquilo, mas os brancos não ouvem, então era necessário. A ocasião, abertura da exposição “Claudia Andujar: a luta Yanomami” no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro, em 2019. Aqui incorporamos também essa perspectiva: devido à urgência de entender as diversas formas de vida



que a civilização ocidental aniquila; porque a academia é branca, masculina e eurocêntrica; porque o projeto de Brasil ainda apaga saberes e conhecimentos tradicionais de quem habitava esta terra desde o primeiro tempo. Os povos originários são a verdadeira resistência, enfrentaram epidemias intencionais, o extermínio de seus habitats e identidades, deslocamentos forçados, várias quedas do céu. Enquanto fomos surpreendidos com a pandemia do novo coronavírus, as comunidades indígenas são há séculos contaminadas, forçadas a viver em isolamento, dizimadas.

O genocídio acarreta o epistemicídio. Destruímos o que não conhecemos, desprezando ali qualquer possibilidade de valor. A educação deveria se basear na liberdade do conteúdo, onde o processo de aprendizagem, ensino e pesquisa sejam calcados no pluralismo de ideias e pedagogias – ao menos segundo o artigo 206 da Constituição Federal. Somada às diretrizes nacionais para o ensino, a lei nº 11.645 (BRASIL, 2008) estabelece a inclusão da história e cultura afrobrasileira e indígena no currículo oficial da rede fundamental e média, sem abarcar o ensino superior. Apesar disso, é recorrente executar uma trajetória acadêmica sem nunca ter aprendido qualquer conteúdo dedicado aos povos originários dentro dos espaços institucionais. Não somente o senso comum mas também os cânones da produção do conhecimento seguem acomodados na hegemonia do norte global, descreditando alteridades nativas. O pensamento planejado é autoritário e irracional, pois empobrece o potencial da pluralidade humana.

A perspectiva yanomami sobre a vida apresenta elementos para nos reconectarmos com a terra, retomando o senso de comunidade e responsabilidade com o ambiente, numa tentativa de superar o eu individualista moderno, que foi descolado da materialidade imediata. Tal conexão vital com o entorno se assemelha a outros saberes tradicionais, em sua vasta multiplicidade; o que há de raro em “A queda do céu” vai no sentido de uma “contra-etnologia do mundo branco”, uma “crítica xamânica da economia política da natureza”, como sintetizou Bruce Albert (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p. 27).

Nasci na floresta e sempre vivi nela. No entanto, não digo que a descobri e que, por isso, quero possuí-la. Assim como não digo que descobri o céu, ou os animais de caça! Sempre estiveram aí, desde antes de eu nascer. Contento-me em olhar para o céu e caçar os animais da floresta. [...] Seus antepassados não descobriram esta terra, não! Chegaram como visitantes! Porém, logo depois de terem chegado, não pararam mais de devastá-la e de retalhar sua imagem em pedaços, que começaram a repartir entre si. Alegaram que estava vazia para se apoderar dela, e a mesma mentira persiste até hoje. Esta terra nunca foi vazia no passado e não está vazia agora! (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 253)



“A queda do céu” compila em 729 páginas cerca de dez anos de relatos do xamã yanomami Davi Kopenawa ao antropólogo francês Bruce Albert, que editou a obra final. Albert já cultivava um longo trabalho de etnografia, tinha familiaridade com a tribo e falava a língua local. Tal proximidade o permitiu identificar, com incrível perspicácia, quatro pontos de embate cruciais entre o mundo branco e o yanomami presentes na fala do xamã: a mercadoria, a guerra, a escrita e a natureza (ALBERT, 2015, p. 542). A narrativa foi sendo contada por Kopenawa nesse contraste entre duas realidades, mas a história do líder indígena já estava repleta de cruzamentos culturais.

Seu nome, fruto da catequização estrangeira; na adolescência ficou órfão, perdeu laços e referências familiares, acabou saindo da aldeia para prestar serviços à FUNAI, a Fundação Nacional do Índio. Lá, começa a aprender português e se vê forçado a trilhar novos caminhos de embate com o mundo dos brancos. Na verdade, foi o caminho que veio até ele: a abertura da Perimetral Norte, planejada para cortar transversalmente a Amazônia brasileira. Entre 1973 e 1976, no sul da maior terra indígena do país, o Território Yanomami, a rodovia foi aberta aliada à exploração da região por projetos de colonização, garimpo, agropecuária e afins – segundo dados de 2013, “55% da Terra Yanomami no Brasil é objeto de 657 processos de requerimentos de mineradoras” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 634). O projeto rodoviário da ditadura empresarial-militar nunca foi finalizado por completo, mas seu avanço deixou marcas irreversíveis. Nesses casos, as estradas significam desenvolvimento para uma minoria dos brancos e início da destruição do modo de vida indígena.

A imagem de Omama não disse a nossos antepassados: “abandonem a floresta e entreguem-na aos brancos para que a desmatem, escave seu solo e sujem seus rios”. [...] na cidade ouvem apenas o ruído de seus aviões, carros, televisores e máquinas. Por isso suas ideias costumam ser obstruídas e enfumaçadas. Eles dormem sem sonhos, como machados largados no chão de uma casa. (Ibidem, p. 76)

A crítica à técnica aparece com frequência, em especial nossa obsessão em “desenhar a terra” e o apego às mercadorias. Ao longo do primeiro contato os yanomami foram dóceis (Ibidem, p. 251), inicialmente valorizaram o encontro com uma cultura diferente. Os exploradores infundiam medo e pareciam ser um povo estranho, mas com ferramentas tão eficazes provavelmente deviam ser inteligentes. O valor de uso foi reconhecido. Os anos passaram trazendo sucessivos casos de doenças, epidemias, violência e espoliação, em ciclos de disputa territorial com aproveitadores de todo tipo, sejam missionários, garimpeiros ou órgãos do próprio Estado, que deveriam



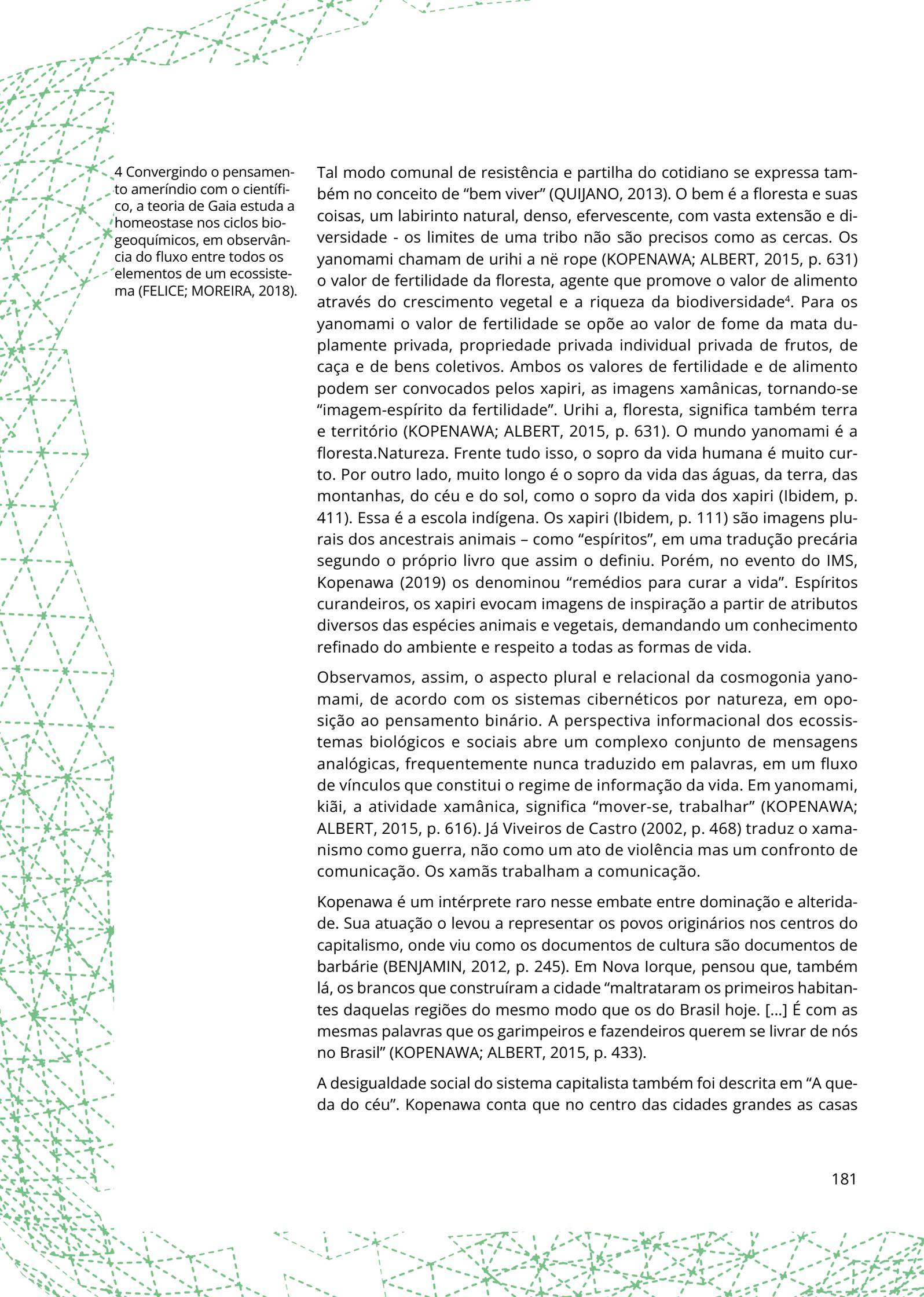
protegê-los. Os nativos que há um milênio habitam o ponto brasileiro mais perto do céu, o Pico da Neblina, vêm sendo exterminados no último século.

Os brancos se dizem inteligentes. Não o somos menos. Nossos pensamentos se expandem em todas as direções e nossas palavras são antigas e muitas. Elas vêm de nossos antepassados. Porém, não precisamos, como os brancos, de peles de imagens para impedi-las de fugir da nossa mente. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 75)

Escrita. Segundo Kopenawa, só aprendemos com pele de imagens, “desenhos em árvores mortas” (Ibidem, p. 66), e ainda assim nos esquecemos. De fato, o acúmulo de livros, leis e conhecimento científico não se traduz em garantia de esclarecimento, justiça ou boa vida para a maior parte da população. Eles sabem o motivo: os brancos são sovinas (Ibidem, p. 413) e constróem cercas por toda parte. Em 1990, no Tribunal Permanente dos Povos sobre a Amazônia brasileira, realizado em Paris, Kopenawa pergunta: “O que fazem os brancos com todo esse ouro? Por acaso, eles o comem?” (Ibidem, p. 407). Por abordagens deste porte, Mariátegui (2011, p. 120), o primeiro pensador marxista da América Latina, defende que o socialismo está na tradição nativa do nosso continente. Ao analisar sua realidade local, Mariátegui (Ibidem, p. 79) considerou os incas a mais avançada organização comunista primitiva que a história registra, recuperando elementos a guiar o retorno da sociedade individualista à sociedade coletivista.

Mercadoria. No capítulo intitulado Paixão pela mercadoria, Kopenawa nos denomina “o povo da mercadoria, [...] com as palavras do dinheiro os brancos começaram a cortar as árvores, maltratar a terra e sujar os rios” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 407). Para os yanomami, “as mercadorias não morrem” (Ibidem, p. 409) - quando alguém falece, todos seus pertences são prontamente queimados. Por isso, eles não acumulam durante a vida e nunca negam o que tem aos necessitados, pois consideram que seus ancestrais sempre viveram bem e não precisavam de tantos produtos. Enquanto isso, os brancos amontoam muitas mercadorias apenas para causar inveja nos outros e “escondê-las enfileiradas em tábuas de madeira no fundo de suas casas” (Ibidem, p. 412).

Somos diferentes dos brancos e temos outro pensamento. Entre eles, quando morre um pai, seus filhos pensam, satisfeitos: “Vamos dividir as mercadorias e o dinheiro dele e ficar com tudo para nós!” [...] Nossos verdadeiros bens são as coisas da floresta: suas águas, seus peixes, sua caça, suas árvores e frutos. Não são as mercadorias! (Ibidem, p. 410)



4 Convergindo o pensamento ameríndio com o científico, a teoria de Gaia estuda a homeostase nos ciclos biogeoquímicos, em observância do fluxo entre todos os elementos de um ecossistema (FELICE; MOREIRA, 2018).

Tal modo comunal de resistência e partilha do cotidiano se expressa também no conceito de “bem viver” (QUIJANO, 2013). O bem é a floresta e suas coisas, um labirinto natural, denso, efervescente, com vasta extensão e diversidade - os limites de uma tribo não são precisos como as cercas. Os yanomami chamam de urihi a nê rope (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 631) o valor de fertilidade da floresta, agente que promove o valor de alimento através do crescimento vegetal e a riqueza da biodiversidade⁴. Para os yanomami o valor de fertilidade se opõe ao valor de fome da mata duplamente privada, propriedade privada individual privada de frutos, de caça e de bens coletivos. Ambos os valores de fertilidade e de alimento podem ser convocados pelos xapiri, as imagens xamânicas, tornando-se “imagem-espírito da fertilidade”. Urihi a, floresta, significa também terra e território (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 631). O mundo yanomami é a floresta. Natureza. Frente tudo isso, o sopro da vida humana é muito curto. Por outro lado, muito longo é o sopro da vida das águas, da terra, das montanhas, do céu e do sol, como o sopro da vida dos xapiri (Ibidem, p. 411). Essa é a escola indígena. Os xapiri (Ibidem, p. 111) são imagens plurais dos ancestrais animais - como “espíritos”, em uma tradução precária segundo o próprio livro que assim o definiu. Porém, no evento do IMS, Kopenawa (2019) os denominou “remédios para curar a vida”. Espíritos curandeiros, os xapiri evocam imagens de inspiração a partir de atributos diversos das espécies animais e vegetais, demandando um conhecimento refinado do ambiente e respeito a todas as formas de vida.

Observamos, assim, o aspecto plural e relacional da cosmogonia yanomami, de acordo com os sistemas cibernéticos por natureza, em oposição ao pensamento binário. A perspectiva informacional dos ecossistemas biológicos e sociais abre um complexo conjunto de mensagens analógicas, frequentemente nunca traduzido em palavras, em um fluxo de vínculos que constitui o regime de informação da vida. Em yanomami, kiãï, a atividade xamânica, significa “mover-se, trabalhar” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 616). Já Viveiros de Castro (2002, p. 468) traduz o xamanismo como guerra, não como um ato de violência mas um confronto de comunicação. Os xamãs trabalham a comunicação.

Kopenawa é um intérprete raro nesse embate entre dominação e alteridade. Sua atuação o levou a representar os povos originários nos centros do capitalismo, onde viu como os documentos de cultura são documentos de barbárie (BENJAMIN, 2012, p. 245). Em Nova Iorque, pensou que, também lá, os brancos que construíram a cidade “maltrataram os primeiros habitantes daquelas regiões do mesmo modo que os do Brasil hoje. [...] É com as mesmas palavras que os garimpeiros e fazendeiros querem se livrar de nós no Brasil” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 433).

A desigualdade social do sistema capitalista também foi descrita em “A queda do céu”. Kopenawa conta que no centro das cidades grandes as casas

5 Disponível em <http://www.abc.org.br/membro/davi-kopenawa-yanomami/>. Acesso em 09 fev. 2022.

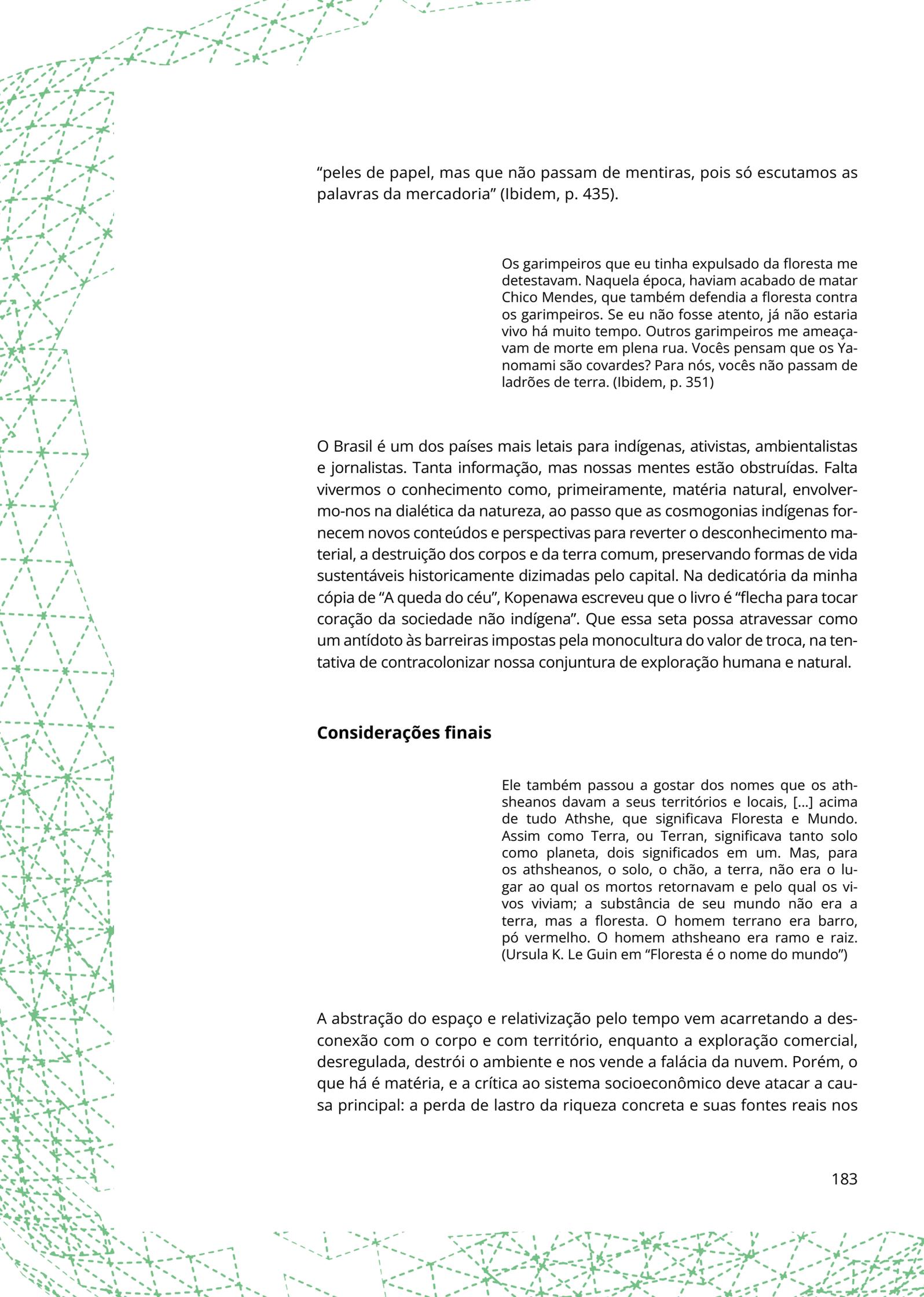
de pedra são altas e bonitas, enquanto longe dali as moradias estão em ruínas. A maioria das pessoas vive em lugares afastados passando fome, com olhos tristes, vestem roupas sujas e rasgadas. Os transeuntes, zanzando atarefados como formigas, nem olham pra elas, apenas as chamam de pobres. Kopenawa ficou assustado ao ver a população em situação de rua, despejada pelo nosso sistema socioeconômico até daquelas casas precárias. "Obrigam-nas a ficar fora, na chuva, com seus filhos. Devem pensar: Moram em nossa terra, mas são outra gente. Que vivam longe, catando comida no chão, como cães! Enquanto isso, vamos aumentar nossos bens e nossas armas, sozinhos!" (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 431).

Em Londres, o xamã yanomami ficou profundamente ofendido com o que se coleciona em museus e zoológicos. Concluiu que grande parte daquelas coleções são fruto de destruição, pilhagem e conquista. Kopenawa sentiu pena de conhecer tantos objetos dos povos antigos e, sobretudo, sentiu repulsa ao ver cadáveres de crianças exibidos em caixas de vidro. Para ele, "é mau pedir dinheiro para mostrar tais coisas!" (Ibidem, p. 427).

Antigamente, toda a terra do Brasil era ocupada por povos como o nosso. Hoje, está quase vazia de nossa gente e o mesmo acontece no mundo inteiro. [...] Porém, se continuarem seguindo esse caminho, é verdade, acabaremos todos morrendo. [...] desta vez creio que nem mesmo os brancos vão sobreviver. (Ibidem, p. 372, 428)

Em 2021, Davi Kopenawa foi nomeado membro da Academia Brasileira de Ciências.⁵ O anúncio oficial fez referência ao artigo "A ciência deve abraçar o conhecimento tradicional e indígena para resolver nossa crise de biodiversidade" (OGAR et al, 2020). O artigo-manifesto sustenta que os saberes tradicionais não só preservam mas também restauram a riqueza socioambiental em todo o mundo. No entanto, a prática hegemônica da ciência ocidental não legitima os saberes nativos como forma de conhecimento. Para os autores, a ciência deve trabalhar em parceria com o conhecimento indígena e promover direitos socioambientais se quisermos preservar a biodiversidade global, reconstituir habitats centrais para a sobrevivência da nossa espécie e promover justiça de modo plural.

Por fim, a guerra. Entre os yanomami, ao estabelecerem comunicação com um grupo desconhecido durante a migração ou retomar laços com um grupo inimigo, são as mulheres idosas de ambas as comunidades que servem como as primeiras mensageiras na tentativa de contato pacífico (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 414, 669). O que isso poderia ensinar ao discurso de ódio em voga na política e na sociedade patriarcal? Kopenawa diz que os antigos brancos desenharam o que chamam de suas leis em



“peles de papel, mas que não passam de mentiras, pois só escutam as palavras da mercadoria” (Ibidem, p. 435).

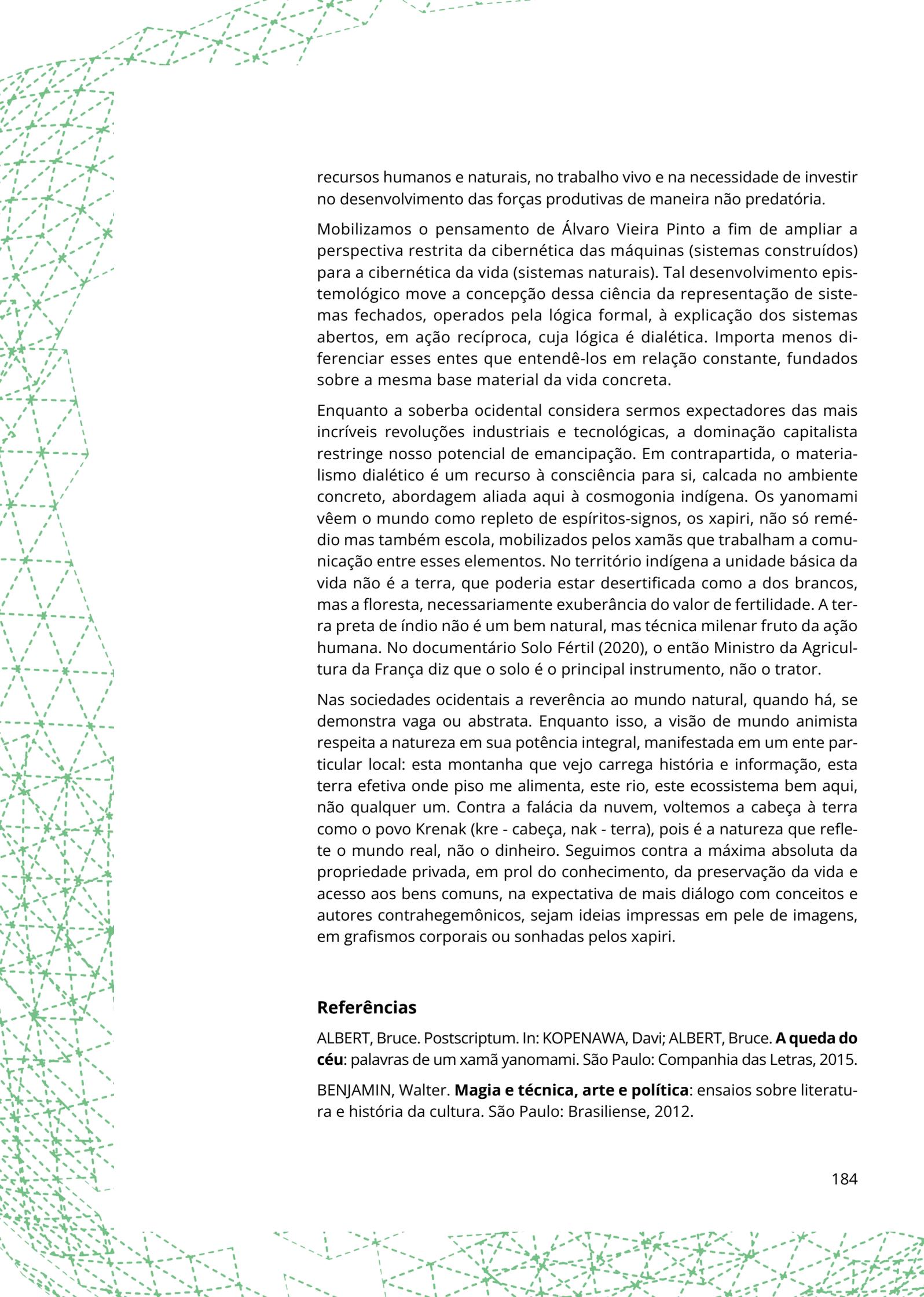
Os garimpeiros que eu tinha expulsado da floresta me detestavam. Naquela época, haviam acabado de matar Chico Mendes, que também defendia a floresta contra os garimpeiros. Se eu não fosse atento, já não estaria vivo há muito tempo. Outros garimpeiros me ameaçavam de morte em plena rua. Vocês pensam que os Yanomami são covardes? Para nós, vocês não passam de ladrões de terra. (Ibidem, p. 351)

O Brasil é um dos países mais letais para indígenas, ativistas, ambientalistas e jornalistas. Tanta informação, mas nossas mentes estão obstruídas. Falta vivermos o conhecimento como, primeiramente, matéria natural, envolvermos-nos na dialética da natureza, ao passo que as cosmogonias indígenas fornecem novos conteúdos e perspectivas para reverter o desconhecimento material, a destruição dos corpos e da terra comum, preservando formas de vida sustentáveis historicamente dizimadas pelo capital. Na dedicatória da minha cópia de “A queda do céu”, Kopenawa escreveu que o livro é “flecha para tocar coração da sociedade não indígena”. Que essa seta possa atravessar como um antídoto às barreiras impostas pela monocultura do valor de troca, na tentativa de contracolonizar nossa conjuntura de exploração humana e natural.

Considerações finais

Ele também passou a gostar dos nomes que os athsheanos davam a seus territórios e locais, [...] acima de tudo Athshe, que significava Floresta e Mundo. Assim como Terra, ou Terran, significava tanto solo como planeta, dois significados em um. Mas, para os athsheanos, o solo, o chão, a terra, não era o lugar ao qual os mortos retornavam e pelo qual os vivos viviam; a substância de seu mundo não era a terra, mas a floresta. O homem terrano era barro, pó vermelho. O homem athsheano era ramo e raiz. (Ursula K. Le Guin em “Floresta é o nome do mundo”)

A abstração do espaço e relativização pelo tempo vem acarretando a desconexão com o corpo e com território, enquanto a exploração comercial, desregulada, destrói o ambiente e nos vende a falácia da nuvem. Porém, o que há é matéria, e a crítica ao sistema socioeconômico deve atacar a causa principal: a perda de lastro da riqueza concreta e suas fontes reais nos



recursos humanos e naturais, no trabalho vivo e na necessidade de investir no desenvolvimento das forças produtivas de maneira não predatória.

Mobilizamos o pensamento de Álvaro Vieira Pinto a fim de ampliar a perspectiva restrita da cibernética das máquinas (sistemas construídos) para a cibernética da vida (sistemas naturais). Tal desenvolvimento epistemológico move a concepção dessa ciência da representação de sistemas fechados, operados pela lógica formal, à explicação dos sistemas abertos, em ação recíproca, cuja lógica é dialética. Importa menos diferenciar esses entes que entendê-los em relação constante, fundados sobre a mesma base material da vida concreta.

Enquanto a soberba ocidental considera sermos expectadores das mais incríveis revoluções industriais e tecnológicas, a dominação capitalista restringe nosso potencial de emancipação. Em contrapartida, o materialismo dialético é um recurso à consciência para si, calcada no ambiente concreto, abordagem aliada aqui à cosmogonia indígena. Os yanomami vêem o mundo como repleto de espíritos-signos, os xapiri, não só remédio mas também escola, mobilizados pelos xamãs que trabalham a comunicação entre esses elementos. No território indígena a unidade básica da vida não é a terra, que poderia estar desertificada como a dos brancos, mas a floresta, necessariamente exuberância do valor de fertilidade. A terra preta de índio não é um bem natural, mas técnica milenar fruto da ação humana. No documentário Solo Fértil (2020), o então Ministro da Agricultura da França diz que o solo é o principal instrumento, não o trator.

Nas sociedades ocidentais a reverência ao mundo natural, quando há, se demonstra vaga ou abstrata. Enquanto isso, a visão de mundo animista respeita a natureza em sua potência integral, manifestada em um ente particular local: esta montanha que vejo carrega história e informação, esta terra efetiva onde piso me alimenta, este rio, este ecossistema bem aqui, não qualquer um. Contra a falácia da nuvem, voltemos a cabeça à terra como o povo Krenak (kre - cabeça, nak - terra), pois é a natureza que reflete o mundo real, não o dinheiro. Seguimos contra a máxima absoluta da propriedade privada, em prol do conhecimento, da preservação da vida e acesso aos bens comuns, na expectativa de mais diálogo com conceitos e autores contrahegemônicos, sejam ideias impressas em pele de imagens, em grafismos corporais ou sonhadas pelos xapiri.

Referências

ALBERT, Bruce. Postscriptum. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. **Lei no 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a lei que estabelece inclusão no currículo oficial da rede de ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

BISPO, Nêgo. I Ciclo Confluências, Transfluências e Confluências UFRJ - Quilombos Chamam. **Escola de Educação Física e Desportos / UFRJ**, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GIAYvzoM18w>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DANTAS, Marcos. Dialética da informação: Uma leitura epistemológica no pensamento de Vieira Pinto e Anthony Wilden. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, p. 491-505, nov., 2015.

FELICE, Massimo; MOREIRA, Fernanda. Pachamama e a internet of things: para além da ideia ocidental de cidadania. **Lumina**, v. 12, p. 24-40, 2018.

FREITAS, Marcos Cezar. Prefácio. In: PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia - Volume I**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GROHMANN, Rafael. Humanist and Materialist Perspectives on Communication: The Work of Álvaro Vieira Pinto. **TripleC** (Viena), v. 14, p. 438-450, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOPENAWA, Davi. Conversa com Valentina Tong e Davi Kopenawa. **Arquivo Claudia Andujar**: a pesquisa para a exposição e a luta Yanomami hoje. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2019.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Por um socialismo indo-americano**: ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

O ABRAÇO da serpente. Direção: Ciro Guerra. Produção: Cristina Gallego. Colômbia: Buffalo Films, 2015.

OGAR, Edwin et al. Science must embrace traditional and indigenous knowledge to solve our biodiversity crisis. **One Earth**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 162-165, 2020.

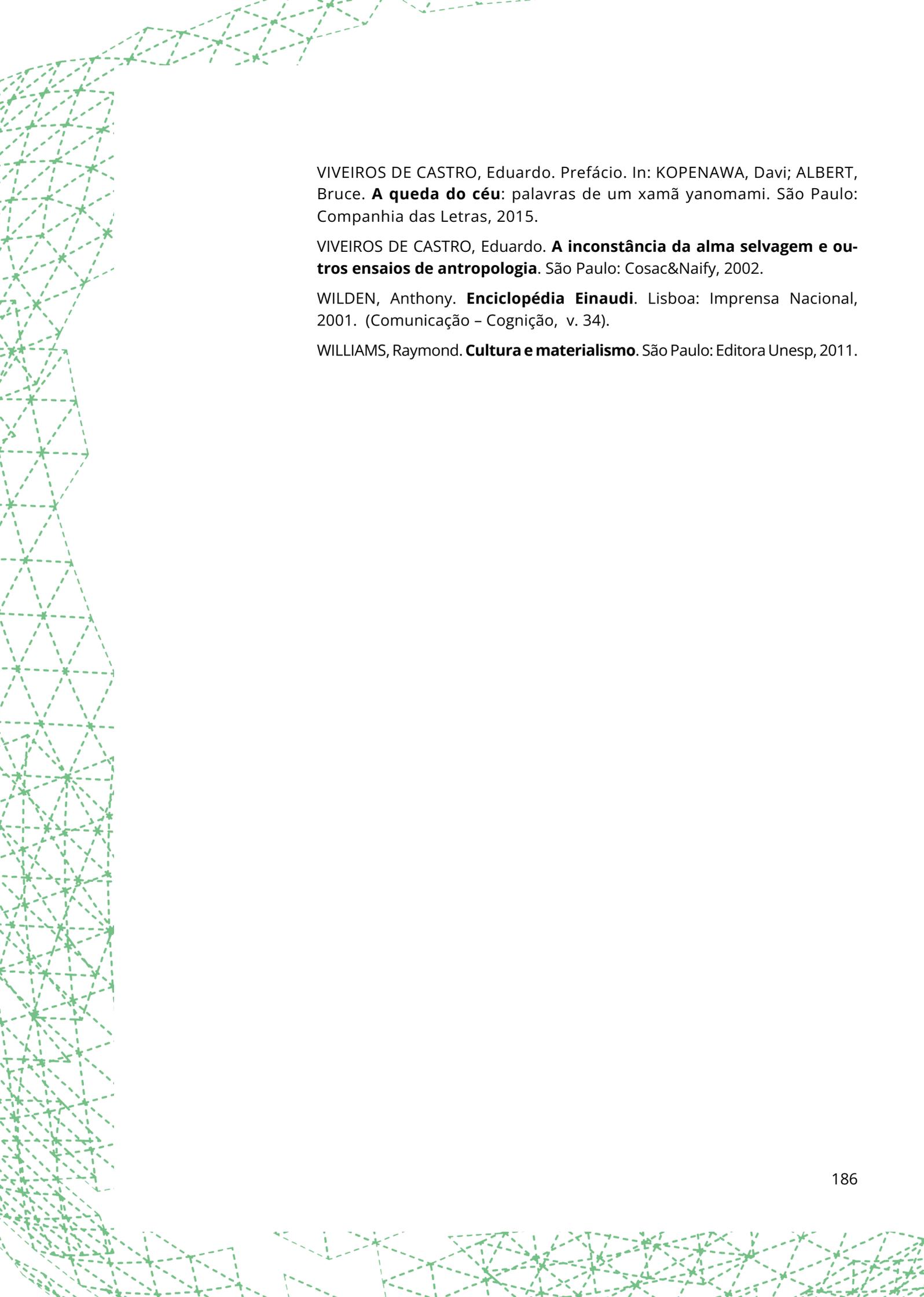
PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia - Volume I**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia - Volume II**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.

QUENQUA, Douglas. Facebook knows you better than anyone else. **The New York Times**, 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/01/20/science/facebook-knows-you-better-than-anyone-else.html>. Acesso em: 15 jan. 2022.

QUIJANO, Aníbal. “Bem Viver”: entre o desenvolvimento e a des/colonialidade do poder. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, Goiânia, v. 37, n. 01, p. 46-57, 2013.

SOLO FÉRTIL. Direção: Joshua Tickell, Rebecca Tickell. Produção: Bill Benenson. Estados Unidos: Benenson Productions, 2020.



VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Prefácio. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

WILDEN, Anthony. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2001. (Comunicação – Cognição, v. 34).

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.